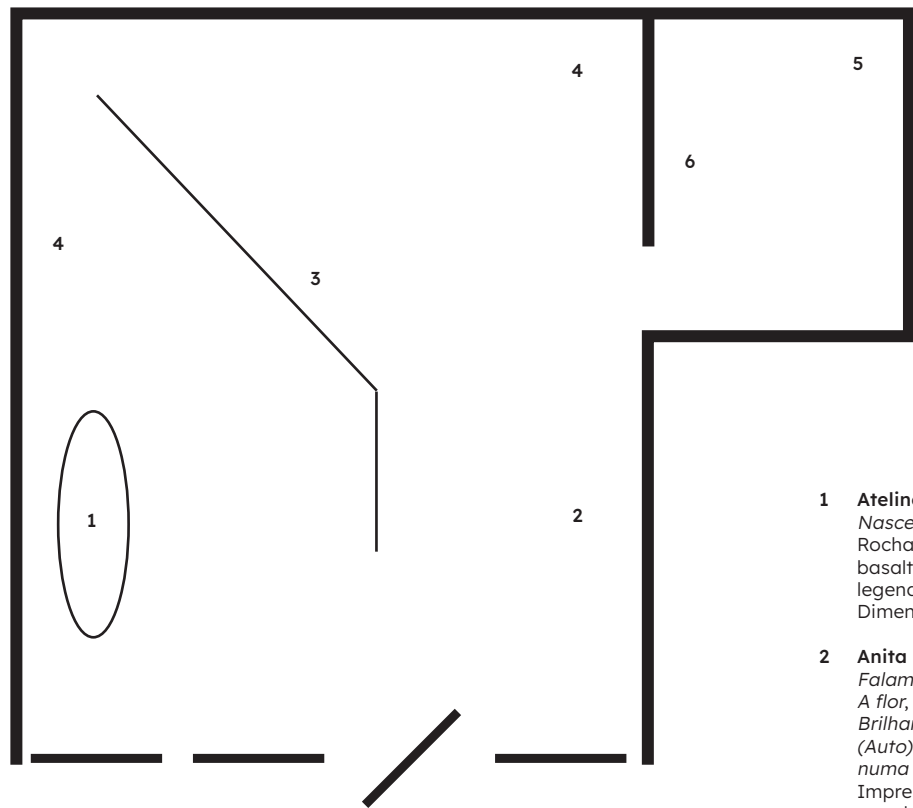




- 1 Atelineiras**
Nascer para Resistir: Incorpóreas, 2025
Rocha vulcânica, gravilha, vidro, fibra de basalto, glitter, animação em loop com legendas
Dimensões variáveis
- 2 Anita Nemet**
Falamos a mesma língua, tu e eu, 2024
A flor, 2025
Brilhante, 2025
(Auto)Retrato de uma Rapariga numa Paisagem, 2025
Impressão em jacto de tinta sobre papel White Veltet mate
84x60 cm
- 3 Mel Paiva**
POKEMON, 2025
Tecido, linha
Dimensões variáveis
- 4 Vicente Blanco**
Sin título (os corpos inesperados), 2024
Cera sobre papel
300x300 cm

Sin título (da serie os corpos inesperados), 2024
Lápis sobre papel
21x29 cm
- 5 Francisco Nuno Rodrigues**
Lido, 2025
Vídeo, som, cor
7"38'
- 6 Daniasa M. Curbelo & Ninf.A**
Estatuillas antropomorfas canarias, 2023
Impressão em jacto de tinta sobre papel White Veltet mate
60x42 cm

Fotografia: Rafael Arocha

08^{fev} — 26^{abr}

EXPOSIÇÃO

Ultra— Periféricas

Anita Nemet
Atelineiras
Daniasa M. Curbelo & Ninf.A
Francisco Nuno Rodrigues
Mel Paiva
Vicente Blanco

Curadoria vaga

Ultra—Periféricas parte das margens — tanto geográficas quanto sociais — e toma os Açores como ponto de partida para refletir sobre o que significa ser *queer* em lugares remotos, distantes ou menos visíveis. A exposição celebra o improvável e o banal como meios de resistência às normas culturais e sociais, propondo uma reinterpretação do desvio como oportunidade para imaginar formas alternativas de vida, amor e criação. As práticas apresentadas desafiam limitações impostas por uma geografia subjugada à ideia de centro dominante, transformando a distância que dele nos afasta num espaço de experimentação e resiliência.

I'M FROM PERIFERIA¹

A frase é da artista Carla Filipe e, apesar de simples, afirma radicalmente uma pertença à margem, enquanto reivindica a centralidade dessa posição. Escrever periferia em português dentro de uma frase em inglês é, por si só, um descolamento, uma fratura linguística que expõe as tensões entre línguas, lugares e identidades. *Ultra—Periféricas* nasce desse mesmo gesto: do que se escreve a partir da margem, do que resiste fora dos centros.

Na geopolítica da União Europeia, ultraperiferia designa territórios afastados do continente europeu, espaços marcados por uma relação ambígua com o centro — simultaneamente parte de um sistema e mantidos à margem dele. Os Açores, tal como a Madeira, as Canárias ou Guadalupe, ocupam essa posição liminar, sendo vistos como extensões distantes da Europa, mas também como espaços com dinâmicas próprias, onde múltiplas camadas de colonialismo,

extrativismo e resistência se entrelaçam. Na exposição, esta designação ganha novos contornos: desloca-se da lógica geopolítica para habitar uma dimensão *queer*, em que a distância não é uma condição de isolamento, mas um campo fértil para outras possibilidades de existência e criação. Coletiva, diversa e em movimento. Em modo *ultra*.

Etimologicamente, *ultra* vem do latim e significa *para além de*, uma fronteira que separa e, ao mesmo tempo, projeta possibilidades. Como prefixo, pode sugerir excesso, transgressão e deslocamento. No imaginário contemporâneo, adquire conotações que oscilam entre a radicalidade e o hiperconsumo: do ultra-liberalismo ao ultra-processado, da ultra-resistência ao ultra-pop. Na cultura *queer* e pop, o *ultra* amplifica gestos e identidades, tornando-se um espaço de experimentação e performatividade onde o exagero, o artifício e o desvio não se entendem como falhas, mas sim estratégias para reconfigurar códigos vigentes. Como propõe José

UM PROJETO

ESTRUTURA FINANCIADA POR

Anda & Fala
ASSOCIAÇÃO CULTURAL

v a g a
ESPAÇO DE ARTE E CONHECIMENTO

GOVERNO
DOS AÇORES

REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA

dgARTES
DIREÇÃO GERAL
DAS ARTES

PONTA DELGADA
CULTURA

¹ *I'M FROM PERIFERIA* é uma obra de Carla Filipe apresentada na exposição *Desertado—Aqui Onde Nos Encontramos* (MAAT, Lisboa, 2023), onde explora dinâmicas de centro e periferia através de referências autobiográficas e sociais.

Esteban Muñoz², *queerness* não é apenas o que já existe, mas o que está por vir. A *utopia queer* é um horizonte — que não se fixa, mas antes um desejo que se sente e que se projeta no futuro. Se a utopia é um espaço ainda não alcançado, o desvio é a força que o impulsiona. Jack Halberstam, ao discutir o *Queer Failure*³, rejeita a ideia de que o sucesso é um destino universal. Falhar, tropeçar, perder-se — são movimentos que desafiam as expetativas de linearidade e progresso. O fracasso, aqui, não é um fim, mas um modo de existir que se recusa a ser medido pelos padrões da norma.

—

A criação e imaginação de futuros utópicos é inerente a quem nasce insular, a quem nasce queer, a quem nasce incorpóreo. *Nascer para Resistir: Incorpóreas*, do coletivo **Atelineiras**, parte desse impulso — o de resistir e revolucionar o que nos rodeia, expandindo barreiras físicas e simbólicas. Como as estrelas do mar agarradas às rochas, os corpos insulares sustentam-se numa rede de afetos, em equilíbrio com as forças da natureza que os moldam. O desenho mural torna-se um mapa sensorial onde corpos e territórios se entrelaçam, revelando estratégias de permanência e sobrevivência.

Se o espaço urbano pode oferecer subculturas como refúgio, em contextos rurais a autoexpressão *queer* muitas vezes nasce de um isolamento forçado. *POKÉMON*, de **Mel Paiva**, mergulha nessa tensão entre contenção e explosão, entre a clausura de um ambiente conservador e a libertação da cultura rave. A coleção de moda transforma o corpo em território de resistência, onde folclore e futurismo colidem para dissolver fronteiras entre o urbano e o rural. Mais do que roupa, estas peças são manifestações de desejo e pertença, criando um espaço onde a expressão queer não depende de um lugar, mas de uma postura radical perante o mundo.

No seu conjunto de fotografias e poemas, **Anita Nemet** trabalha a relação entre linguagem, paisagem e identidade. Entre o retrato e a abstração, as suas impressões funcionam como fragmentos de um diálogo inacabado, onde o corpo e a palavra se refletem mutuamente. As imagens imprimem no papel os vestígios de um discurso que escapa, enquanto os poemas sugerem um encontro — talvez impossível — entre vozes, tempos e geografias.

Nos desenhos de **Vicente Blanco**, os corpos surgem inesperados, recusando as categorias

normativas que procuram fixá-los. Se nas cidades a dissidência encontra espaços compartimentados, aqui ela expande-se de forma orgânica, em contacto com a natureza. As figuras que habitam o seu mural não pedem permissão para existir; são presenças que ocupam e transformam, ligadas por um traço que tanto envolve como revela a violência que as atravessa.

A insularidade tem sido construída historicamente como um lugar de contemplação e escape — uma paisagem para ser vista, consumida e arquivada. *Lido*, de **Francisco Nuno Rodrigues**, desmonta essa construção, mergulhando na forma como a Madeira foi imaginada e fabricada. O filme parte de arquivos reimaginados para sobrepor tempos e memórias, criando fissuras na imagem turística da ilha. No brilho ofuscante das ondas, visões crípticas emergem como fantasmas coloniais, recordando que o paraíso raramente é apenas isso.

No conjunto escultórico *Estatuillas antropomorfas canarias*, **Daniasa M. Curbelo** e **Ninf.A** reescrevem o passado pré-colonial das Ilhas Canárias, recusando a leitura binária imposta pelo olhar eurocêntrico. Inspiradas em estatuetas indígenas feitas em barro local, as peças propõem uma *arqueologia queer*, onde os corpos escapam às categorias fixas do masculino e do feminino. Se o presente ainda insiste em dualidades rígidas, estas figuras especulativas convidam a imaginar uma história que nunca foi só binária.

—

Na insularidade, na margem, na falha, podemos encontrar um terreno fértil para imaginar outras formas de vida. Como diria bell hooks⁴, a margem não precisa ser um espaço de exclusão — pode ser um espaço radical de abertura. Se as fronteiras que nos impõem são muros, faremos delas pontos de contacto. Se a distância nos parece separar, é nela que encontraremos abrigo. Se o mundo nos quer menores, criaremos formas de nos tornarmos imensos.

Porque resistir é também um ato de amor.

GLOSSÁRIO

Queer

Queer não é um rótulo fixo, mas um gesto de perturbação. Em vez de uma identidade fechada, é um posicionamento contra normas impostas, uma forma de existir fora dos binários e além das categorias rígidas de género e sexualidade.

Queerness can never define an identity; it can only ever disturb one. — *Lee Edelman*

Não Bináries

Identidades de género que não se encaixam na dicotomia homem-mulher imposta pelo cistema. Ser não binárie pode significar habitar um espaço entre, além ou fora dessas categorias.

Incorpórea

O que não tem corpo físico, o que escapa ao toque e à materialidade, ligado ao espiritual, ao intangível e ao que desafia categorias visíveis.

Coletividade Queer

Formas de resistência e sobrevivência baseadas na partilha, no apoio mútuo e na rejeição da solidão imposta pelo sistema.

Manas

Termo de gíria utilizado dentro da comunidade queer para referir amizades, cumplicidade e apoio mútuo.

Cistema / Patriarcado

Sistema de poder baseado na cisgeneridade e no patriarcado, que impõe normas de género e reforça a exclusão de identidades dissidentes.

Heterossexualidade Compulsóri

A ideia de que a heterossexualidade não é apenas uma orientação, mas uma imposição estrutural e ideológica, reforçada por sistemas sociais, econômicos e políticos para manter a norma heterocentrada.

The failure to examine heterosexuality as an institution is like failing to admit that the economic system called capitalism or the caste system of racism is maintained by a variety of forces, including both physical violence and false consciousness. — *Adrienne Rich*

Abolicionismo Queer

Rejeita a normalização e a assimilação da dissidência LGBTQIA+ por instituições que perpetuam as mesmas estruturas de exclusão. Em vez de aceitar concessões dentro do sistema, propõe um desmantelamento radical das hierarquias que o sustentam.

Queer-friendly institutions are not our allies. They are avenues for assimilation and the defanging of our radical queer liberation movements. — *Queer Abolitionist Strategies*

Pink Money

Termo pejorativo para designar marcas e empresas que exploram o movimento LGBTQIA+, capitalizando financeiramente com a sua estética e os seus símbolos, sem contribuir para os direitos e lutas da comunidade.

Anticapitalismo Queer

O entendimento de que o capitalismo se sustenta na exploração de corpos marginalizados e na mercantilização de identidades dissidentes. Propõe alternativas baseadas na coletividade, na partilha e na desobediência às lógicas de consumo e propriedade.

Antiguerra

Posição política contra o militarismo e a violência estatal, reconhecendo que guerras e ocupações perpetuam sistemas de opressão colonial, patriarcal e capitalista.

Queer Failure

O fracasso queer rejeita a narrativa de sucesso imposta pela normatividade heterossexual e capitalista. É um modo de existir à margem da produtividade e das expectativas sociais, preservando a anarquia, a experimentação e o desejo de não se encaixar.

The family narrative and its trappings of inheritance are at the root of every dream of success in a heteronormative society. — *Jack Halberstam*

Transfuturismo

O futuro trans não é uma antecipação, mas um presente em transformação.

TRANS ALWAYS EXISTED; THEY ARE THE FUTURE

Bicha

Termo historicamente usado de forma pejorativa e misógina contra pessoas queer, que tem sido ressignificado como símbolo de identidade, resistência e comunidade.

Paneleire/o/a

Expressão originalmente pejorativa, utilizada contra pessoas *queer*, que foi reapropriada como parte da linguagem comunitária LGBTQIA+, usada internamente como afirmação identitária e de pertença.

Periodt

Expressão usada para marcar o fim de um argumento ou afirmar algo de forma definitiva. Um ponto final dito em voz alta.

^[1] MUNOZ, José Esteban. Cruising Utopia: The Then and the There of Queer Futurity. New York University Press, 2009.

^[2] HALBERSTAM, Jack. The Queer Art of Failure. Duke University Press, 2011.

^[3] HOOKS, bell. Choosing the Margin as a Space of Radical Openness, publicado pela primeira vez em Framework: The Journal of Cinema and Media, Issue 36, 1989.